

Reverberações do uso do *smartphone* na conjugalidade

Rosita Barral Santos^{1,*} , Kátia Carvalho Amaral Faro² , Giana Bitencourt Frizzo² 

1. Universidade Federal da Bahia  – Salvador (BA), Brasil.

2. Universidade Federal do Rio Grande do Sul  – Porto Alegre (RS), Brasil.

Editora de seção: Eliane Pelles Machado Amorim 

*Autora correspondente: rositabarrals@gmail.com

Recebido: 06 Dez. 2024 Aceito: 13 Jan. 2025

RESUMO

O objetivo deste estudo foi compreender a percepção de homens e mulheres sobre as reverberações do uso do *smartphone* na conjugalidade. O método consistiu em um estudo de casos múltiplos realizado com nove participantes, seis mulheres e três homens, casados ou em união estável. Foi realizada uma análise temática das entrevistas transcritas. Os resultados apontaram que os casais valorizam a comunicação com acordos explícitos e implícitos quanto ao uso do *smartphone*, que foi considerado motivo de conflitos por uso excessivo e pelas interrupções da interação face a face. Ademais, o aparelho foi visto como um elemento de triangulação para o casal na medida em que é utilizado como forma de adaptação ao estresse ou a pressões do contexto conjugal.

Palavras-chave: *Smartphone*, Comunicação, Conjugalidade, Triangulação.

Reverberations of smartphone use on conjugality

ABSTRACT

This study aimed to understand men's and women's perceptions regarding the reverberations of smartphone use in conjugality. The employed method was a multiple case study involving nine participants, six women and three men, who were married or in stable unions. A thematic analysis was conducted on the transcribed interviews. The results indicated that couples value communication based on explicit and implicit agreements regarding smartphone use, which was considered a source of conflict due to its excessive use and disruptions in face-to-face interactions. Furthermore, the device was seen as a triangulation element in the couple's relationship, as it is used as a strategy to adapt to stress or pressures in the marital context.

Keywords: Smartphone, Communication, Conjugality, Triangulation.

Reverberaciones del uso del *smartphone* en la conyugalidad

Resumen

El presente estudio tuvo como objetivo comprender la percepción de hombres y mujeres sobre las repercusiones del uso del *smartphone* en la conyugalidad. La metodología consistió en un estudio de casos múltiples realizado con nueve participantes, seis mujeres y tres hombres, casados o en una relación de unión estable. Se realizó un análisis temático de las entrevistas transcritas. Los resultados revelaron que las parejas valoran la comunicación con acuerdos explícitos e implícitos sobre el uso del *smartphone*, aunque este fue considerado motivo de conflictos debido al uso excesivo del dispositivo y a las interrupciones en la interacción cara a cara. Además, el *smartphone* fue percibido como un elemento de triangulación para la pareja, al ser empleado como una forma de adaptación frente al estrés o las presiones del contexto conyugal.

Palabras clave: *Smartphone*, Comunicación, Conyugalidad, Triangulación.

INTRODUÇÃO

O presente estudo é derivado da tese de doutorado da primeira autora e teve como objetivo tratar da temática das relações conjugais no contexto de utilização das tecnologias da informação e comunicação (TICs). Considera-se a relevância de compreender como a dinâmica conjugal é engendrada pelo uso do *smartphone*.

Nos últimos anos, o contexto familiar tem lidado com as implicações dos avanços tecnológicos, de maneira especial com o advento da internet, nos relacionamentos parental e conjugal, de modo que as dinâmicas das relações interpessoais passaram por diversas mudanças. A relação das pessoas com as TICs tem alterado muitas dimensões das interações sociais, dados o aumento da complexidade do contexto digital, o maior tempo de conectividade e as constantes atualizações.

As TICs dizem respeito a um conjunto de dispositivos, serviços e conhecimentos ligados a uma infraestrutura composta de computadores, *softwares* e sistemas de rede que possuem a capacidade de reproduzir, processar e distribuir informações para pessoas e organizações (Veloso, 2011). Seu uso cada vez mais intrincado no dia a dia está impactando significativamente os estilos de vida e a relação das pessoas com a tecnologia e as formas de comunicação. Uma dessas tecnologias que permitiram a facilitação do acesso à internet e a sua popularização no cotidiano das pessoas foi o *smartphone* ou telefone móvel celular, como é comumente chamado no Brasil (Ribeiro et al., 2019). Neste estudo, optou-se por usar o termo *smartphone*.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), no último levantamento realizado no ano de 2022, o percentual de domicílios com acesso à internet chegou a 93,35%, em área urbana, e 78,1%, em área rural. Entre os meios de acesso à internet, o *smartphone* foi o mais indicado pelos entrevistados acima de 10 anos de idade (98,9%). Nessa pesquisa também foi possível identificar que o uso converge principalmente para o fim comunicacional. De acordo com os respondentes, enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos (que não *e-mail*) foi a opção mais relatada (92%), sendo as chamadas de voz ou vídeo as mais informadas em 2021, com 94,94%.

Nesse sentido, observa-se que há uma tendência crescente ao acesso à internet e uso do *smartphone* no ambiente doméstico, e esse fato tem repercutido diretamente nas relações familiares. Um estudo recente investigando as interações entre a dependência de internet, sentimentos de solidão e relações familiares afetuosas e conflituosas, em 109 universitários, identificou que, quanto maior a dependência de internet, maior o conflito familiar e menor a afetividade familiar (Ledur et al., 2023), contudo vale se aprofundar nas dinâmicas familiares envolvidas nesse contexto, pois a influência das TICs pode ser diversa entre os subsistemas familiares, como nas relações conjugais.

Embora seja um tema ainda pouco trabalhado no âmbito brasileiro, pesquisas internacionais têm se dedicado a investigar aspectos relacionados às implicações do uso do *smartphone* na interação de casais na atualidade. Entre as temáticas mais abordadas, observa-se a dimensão do tempo que o casal dispõe para a interação face a face, tais como:

- A tecnointerferência, compreendida como a interferência das tecnologias na relação (Booth et al., 2021; González-Rivera et al., 2018; McDaniel, 2015; McDaniel & Coyne, 2016);
- O ato de ignorar o(a) parceiro(a) por concentrar-se no *smartphone* no momento da interação face a face, denominado *partner phubbing* (McDaniel & Drouin, 2019; Roberts & David, 2023).

Os estudos empíricos sobre a tecnointerferência e o *partner phubbing* mencionam, de modo geral, que o tempo que o casal dispõe para ficar junto é prejudicado por esses fenômenos (McDaniel et al., 2020). Além disso, ambos afetam significativamente a percepção de satisfação e a qualidade conjugais, além da sensação de bem-estar individual (Frackowiak et al., 2022; McDaniel & Drouin, 2019; Roberts & David, 2023).

Sobre essas consequências, Becker e Ribeiro (2016) afirmam que as implicações culturais da era da mobilidade na comunicação cotidiana fomentam o surgimento de práticas interacionais e formas de relação que demandam a revisão de conceitos como presença, intimidade e privacidade. Vale destacar que a conjugalidade, em uma perspectiva da psicologia, é entendida como uma *identidade conjugal*, baseada em um processo organizacional complexo, contínuo e dinâmico entre duas individualidades (Porreca, 2019). Sendo assim, os aspectos que tangenciam as relações conjugais no contexto atual, cujas interações são dadas na ambiência digital, se tornam objeto de investigação importante nos estudos sobre as relações conjugais na era digital, uma vez que a conjugalidade tem reverberações em outros subsistemas familiares, como o parental (Delatorre et al., 2022).

A perspectiva teórica adotada neste estudo foi a teoria sistêmica familiar. Fundamentalmente, essa teoria busca prever e explicar como as pessoas em um sistema familiar interagem e como as interações no sistema familiar são diferentes daquelas fora dele (Priest, 2021). Três conceitos interdependentes são fundamentais na compreensão do fenômeno nessa perspectiva: coesão, flexibilidade (adaptabilidade) e comunicação.

Nesse modelo teórico, denominado modelo circunplexo (Olson et al., 2019), a coesão diz respeito à conexão emocional do casal, o que inclui uma diversidade de variáveis específicas, como proximidade, fronteiras, tempo compartilhado, relação com amigos, tomadas de decisão, interesses e lazer. A flexibilidade, ou adaptabilidade, trata da organização, liderança, regras,

papéis e negociações no relacionamento. A comunicação, por sua vez, é a dimensão facilitadora da flexibilidade e da coesão e inclui habilidades como escuta, fala, transparência, clareza, monitoramento e respeito/consideração.

Outro construto relevante na perspectiva sistêmica é o da triangulação. Dadas as investigações recentes sobre o tempo dispendido das pessoas no uso do *smartphone*, surge a hipótese sobre o efeito do uso do *smartphone* como uma nova forma de triangulação na relação conjugal. De acordo com Priest (2021), quando a relação diádica passa por eventos estressores, cria-se um triângulo na tentativa de auxiliar os membros do casal na adaptação à pressão sofrida, no entanto muitas vezes se pode culminar em efeitos negativos.

Sendo assim, ainda que o processo de adaptação do uso do *smartphone* possa ter uma função benéfica, tais como comunicação a distância e intimidade (Coynne et al., 2011; Eichenberg et al., 2017; Leggett & Rossouw, 2014), o mesmo fenômeno pode trazer aspectos desafiadores. Entre eles, podem-se citar alguns, como tecnointerferência, tempo de uso excessivo, *partner phubbing* e negociações na comunicação do casal (Hoffmeister & Scheeren, 2019; Johnson et al., 2024; Lapierre & Zhao, 2024; Pickens & Whiting, 2019).

Outro aspecto desafiador do uso das TICs no contexto conjugal é a infidelidade no ambiente digital. Segundo Moller e Vossler (2015), a definição de infidelidade é um desafio para pesquisadores por causa do amplo espectro de definições, que incluem desde o sexo, o envolvimento emocional, fantasioso ou não, ou ainda segredos e traição. Para esses autores, a infidelidade envolve, portanto, a quebra da confiança dada pelo não cumprimento das normas estabelecidas pelo casal.

O rápido desenvolvimento da internet e dos serviços de redes sociais da última década aumentou as possibilidades de as pessoas se envolverem em atividades *online* que podem ser consideradas como infidelidade pelos parceiros (Vossler, 2016). Em estudo realizado com 237 homens e mulheres, casados ou coabitando com seus parceiros, 75,8% das mulheres e 92,3% dos homens relataram que um dos seus comportamentos de infidelidade mais comuns é esconder dos parceiros as mensagens trocadas com “aquela pessoa” (Scheeren et al., 2018).

Nesse contexto, Leggett e Rossouw (2014) argumentam que a capacidade do casal de gerenciar e monitorar o uso de TICs e refletir sobre ele está diretamente relacionada à qualidade da relação do casal. Para tanto, esses novos desafios demandam inovação e revisão de velhos hábitos (Wagner, 2012), visto que na relação conjugal há a constante coexistência de padrões tradicionais e modernos (Féres-Carneiro & Ziviani, 2009; Pombo, 2019). Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi compreender a percepção de homens e mulheres sobre as reverberações do uso do *smartphone* na sua relação conjugal.

MÉTODO

Delineamento

Trata-se de um estudo de casos múltiplos (Yin, 2015), qualitativo e exploratório, de caráter transversal. A estratégia utilizada foi a síntese de casos cruzados, que possibilita comparar os dados de casos individuais conforme uma mesma estrutura, estabelecendo relações entre contextos diferentes e observando seus aspectos semelhantes.

Participantes

A amostra foi constituída de forma intencional, por meio da técnica de bola de neve (Patton, 2015), que consiste em cada participante convidar novos participantes da sua rede de contatos. Participaram deste estudo nove pessoas, sendo seis mulheres e três homens, não casados entre si, residentes nos estados do Rio Grande do Sul, Bahia e São Paulo, com idades entre 27 e 61 anos, em diferentes momentos do ciclo vital (adulthood jovem, intermediária e tardia), todos heterossexuais. Os demais dados sociodemográficos dos participantes constam da Tabela 1.

Conforme pode ser verificado na Tabela 1, cinco participantes são brancos, dois pardos e dois negros; quanto à escolaridade, dois têm ensino médio completo, cinco ensino superior completo e dois pós-graduação; sobre a situação conjugal, cinco são casadas(os) e quatro têm união estável. O tempo de coabitação do casal variou de um ano e oito meses e 37 anos e quatro meses. Seis participantes têm filhos e três não.

Ressalta-se, ainda, que o número de participantes foi definido conforme recomendação de Creswell (2014) e Stake (2006), que mencionam o número de quatro a 10 participantes como o mais indicado para maior aprofundamento da análise. Dada a natureza exploratória deste estudo, optou-se por uma amostra heterogênea, embora se resguarde o que Turato (2013) denomina de homogeneidade fundamental, que neste estudo é demarcada pelo contexto da conjugalidade e pelo uso do *smartphone*. Sobre a seleção dos casos, foram entrevistadas 12 pessoas. Destas, nove foram selecionadas, considerando o que

Patton (2015) e Stake (2006) defendem sobre a escolha dos casos ser feita com base em casos ricos em informações e que propiciam maior oportunidade de aprendizado.

Tabela 1. Dados sociodemográficos por caso.

Participante	Gênero	Idade (anos)	Raça/etnia	Escolaridade	Situação conjugal	Tempo de coabitação	Filhos/idade
Caso 1	Feminino	45	Negra	Ensino médio completo	Casada	12 anos e 2 meses	1 (17 anos)
Caso 2	Feminino	33	Parda	Pós-graduação	Casada	7 anos	1 (4 anos)
Caso 3	Feminino	28	Branca	Pós-graduação	União estável	1 ano e 8 meses	0
Caso 4	Feminino	27	Branca	Ensino superior completo	União estável	6 anos e 1 mês	0
Caso 5	Masculino	28	Negra	Ensino médio completo	Casado	8 anos e 10 meses	1 (8 anos)
Caso 6	Feminino	61	Branca	Ensino superior completo	Casada	37 anos e 4 meses	2 (37 e 30 anos)
Caso 7	Masculino	35	Parda	Ensino superior completo	União estável	7 anos	0
Caso 8	Feminino	40	Branca	Ensino superior completo	Casada	14 anos e 9 meses	1 (12 anos)
Caso 9	Masculino	42	Branca	Ensino superior completo	União estável	6 anos	1 (20 anos)

Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram um questionário sociodemográfico desenvolvido pela primeira autora deste estudo para caracterização dos participantes e uma entrevista em profundidade sobre o uso do *smartphone*, ambos aplicados individualmente. O protocolo de entrevista foi construído com base em revisão da literatura sobre o tema investigado. A escolha pela entrevista individual em estudos sobre a conjugalidade se fundamenta na proposta de Zarhin (2018), que considera essa modalidade vantajosa quando se investigam temáticas potencialmente conflituosas para casais em razão de dois aspectos:

- Preservar as premissas éticas na condução do estudo;
- Favorecer o acesso a melhores dados, conforme os objetivos propostos pelo estudo.

Nessa perspectiva, as pessoas entrevistadas são denominadas parceiros sociais, membros de um casal que podem refletir os pontos de vista investigados, ainda que entrevistados separadamente.

Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada de forma *online*, em plataforma digital, após os participantes serem selecionados pela rede de contatos das autoras e das integrantes do Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Famílias com Bebês e Crianças, além de divulgação em redes sociais (Instagram). As entrevistas ocorreram no período entre outubro de 2020 e janeiro de 2021 e tiveram duração entre 30 minutos e 1 hora. Ressalta-se que o presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e seguiu todas as diretrizes e normas que regulamentam as pesquisas envolvendo seres humanos, previstas na Resolução nº 510 do Conselho Nacional de Saúde (2016), com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética nº 21694919.3.0000.5334, aprovado em 13 de agosto de 2020.

Os participantes foram entrevistados por meio da plataforma Zoom, e as entrevistas foram realizadas por chamada de vídeo. Antes da realização das entrevistas, foram feitos os procedimentos éticos, de modo que o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado ao participante e lido com ele em chamada de vídeo. Logo depois, o TCLE foi enviado por *e-mail*, juntamente com o questionário sociodemográfico, e sugeriu-se que os participantes imprimissem e/ou salvassem esse documento em seus arquivos digitais. Foi solicitado que os participantes devolvessem o TCLE assinado e o questionário respondido via *e-mail*.

Por causa do contexto da pandemia de Covid-19 e do isolamento ou distanciamento social prescrito pela Organização Mundial da Saúde (2021) e pelas autoridades sanitárias de diversas esferas administrativas para controle da doença (Farias, 2020) durante a coleta de dados, os participantes realizaram a entrevista em um cômodo das suas próprias residências, e a maioria deles mencionou que seus parceiros estavam em algum outro cômodo da casa. As entrevistas foram gravadas em vídeo e áudio, e posteriormente apenas o áudio foi transcrito de maneira integral.

Análise dos dados

Os dados obtidos foram analisados conforme a proposta da análise temática de Braun et al. (2019), na modalidade *Codebook*, realizada conforme um guia de códigos construído previamente com base na literatura e nos demais resultados que compuseram a tese da primeira autora. Como suporte, foi utilizado o *software* NVivo Pro 13 (QSR International, 2020).

RESULTADOS

Com relação ao perfil de uso do *smartphone* e outras TICs, a Tabela 2 apresenta os resultados dos participantes deste estudo.

Tabela 2. Perfil de uso do *smartphone*.

	Caso 1	Caso 2	Caso 3	Caso 4	Caso 5	Caso 6	Caso 7	Caso 8	Caso 9
Tempo de uso para trabalho (horas)	0	2	12	6	0	0	2	6 a 7	0
Tempo de uso em casa (horas)	2	4	4	1	10	8	3	2 a 3	7 a 9
Uso no banheiro	Não	Sim							
Uso durante as refeições	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
Uso na cama	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
Uso com o/a parceiro(a) para lazer	Não	Não	Sim						
Uso durante interações face a face com o(a) parceiro(a)	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Compartilhamento de senhas	Sim								

Verifica-se que o tempo de uso do *smartphone* para trabalho dura entre 0 e 7 horas, enquanto o tempo de uso em casa vai de 1 a 9 horas. Todos os participantes relataram utilizar o *smartphone* em todos os cômodos da casa, incluindo o banheiro (exceto um caso) e a cama, antes e depois de dormir (exceto um caso). Todos os casos, exceto um, utilizam o *smartphone* durante as refeições. Quanto ao uso do aparelho durante a interação face a face, todos os casos (exceto um) reportaram fazê-lo. No que diz respeito ao lazer, sete casos mencionaram utilizar o *smartphone* para se divertirem juntos, seja jogando, seja vendo vídeos ou notícias, enquanto dois casos não fazem esse tipo de uso. Quanto às senhas, todos os participantes disseram compartilhá-las com seus parceiros. Sobre os aplicativos mais utilizados, a maioria dos participantes contou utilizar o WhatsApp e o Instagram, alguns outros Facebook, YouTube, *e-mail*, aplicativos de contas bancárias e jogos.

Análise temática

A análise temática dos relatos dos participantes culminou na construção de quatro temas e dois subtemas. Os temas, construídos com base em revisão da literatura, de forma dedutiva, e nos achados do primeiro estudo da tese da autora (Santos, 2024), foram:

- Tempo excessivo de uso do *smartphone* (Farrah & Batool, 2020; Vaterlaus & Tulane, 2019);
- Percepção de *partner phubbing* (McDaniel & Drouin, 2019);
- Comunicação (Hoffmeister & Scheeren, 2019; Pickens & Whiting, 2019), com os subtemas: compartilhamento de senhas, e definição de infidelidade (Lima & Bruns, 2020);
- Triangulação (Amaliyah & Agustina, 2023; Nichols & Schwartz, 2007).

Tempo excessivo de uso do *smartphone*

Esse tema diz respeito ao tempo de uso do *smartphone* percebido como excessivo e repercutindo no tempo de que o casal dispõe para ficar junto. Todos os participantes mencionaram que o tempo de uso do *smartphone* percebido como excessivo por uma ou ambas as partes é motivo de conflitos para o casal, pois foi considerado perda de um tempo em que os dois poderiam estar juntos e com maior qualidade na relação. O caso 1 relatou:

À noite, geralmente quando chegamos do trabalho, era um tempinho que a gente podia tá interagindo, longe do aparelho, mas não fazemos, o aparelhinho tá sempre na mão.

Outra participante, o caso 3, mencionou também o uso excessivo do *smartphone* por causa do trabalho:

A gente perde a noção do tempo quando tá no celular, quando vê já passou um tempão, e deixa de ficar com o outro pra usar aplicativos. Eu acho que, muitas vezes, eu não consigo me desconectar das minhas atividades do trabalho.

Outro aspecto citado pelo caso 7 é a mudança que o uso do *smartphone* trouxe para a conjugalidade, na medida em que surgiu como um desafio para o casal lidar com o tempo que passa junto:

Antes dessa febre do celular, o nosso tempo a dois era nós dois mesmo. Tipo, “ah, vamos fazer tal coisa”, “vamos ver um filme”, não tinha essa constante necessidade de ficar olhando no celular. Agora eu acho que diminui esse espaço que a gente escolhe pra estar junto. E quando a gente escolhe, por exemplo, jantar, quando acaba o assunto um pega o celular e olha, sabe?

Neste estudo, a tecnointerferência foi vista como negativa para a conjugalidade, pois trouxe desconforto, gerou conflitos para os casais e menos interações face a face positivas (McDaniel & Drouin, 2019), além de causar nos parceiros a sensação de desconsideração (Roberts & David, 2023). Os dados evidenciaram, ainda, que o tempo para ficar junto, com qualidade da interação face a face, foi uma necessidade dos participantes do estudo, o que corrobora os achados de McDaniel et al. (2020) e Roberts e David (2016), ao reportarem que a demanda de tempo para o casal compartilhar experiências durante o lazer está relacionada à percepção de qualidade conjugal, além de implicar o desejo das pessoas pelo investimento na relação.

Outro aspecto que este estudo investigou quanto ao tempo de uso do *smartphone* foi o contexto da pandemia. A maioria dos participantes relatou que houve aumento do uso do aparelho por ambos os membros do casal, como afirmou o caso 8:

A gente usa mais ainda agora, seja pra pagar conta, pedir um almoço, ler uma notícia, falar com cliente, falar com colega de trabalho. O isolamento social mudou a relação da gente com telefone e com todas as outras tecnologias também.

Esse achado sobre a intensificação do uso é corroborado por Pereira e Censi (2023), no entanto os participantes afirmaram que não houve a necessidade de refazerem acordos quanto ao uso, pois o contexto de isolamento social em si demandou maior presença na ambiência digital para as atualizações sobre a pandemia, o trabalho e os contatos com familiares e amigos.

Percepção de *partner phubbing*

Este tema diz respeito às menções de desvio da atenção do(a) cônjuge decorrente do uso do *smartphone* ou, ainda, aos momentos em que a interação face a face é ignorada ou interrompida pelo uso do *smartphone* pelo(a) parceiro(a). Seis participantes contaram que se sentem incomodados com as interrupções causadas pelo uso do *smartphone* durante a interação face a face, como disse o caso 1:

É um certo incômodo, né? Porque às vezes você tá querendo atenção e o aparelho já tira, aí a gente dá uma chamadinha de atenção: “Sai daí um pouquinho, escuta o que eu tô falando”.

Outro aspecto mencionado pelo caso 3 se refere à impressão de que, ao parar a conversa para responder a mensagens no *smartphone*, ela pode gerar no parceiro a sensação de desvalorização:

Eventualmente, quando a gente tá fazendo algo junto e eu recebo mensagens no meu celular, eu paro a conversa pra olhar as mensagens. Eu tenho a sensação de que ele se sente muitas vezes tendo sua presença desvalorizada, por tá querendo também o seu momento, e eu acabo dispensando esse tempo e essa atenção pra um celular.

Esses dados são corroborados por outros estudos que mencionaram a insatisfação dos casais com o fato de ser ignorado na interação face a face por causa do uso do *smartphone* (Beukeboom & Pollmann, 2021; McDaniel & Drouin, 2019; Roberts & David, 2023). Em estudo de Frackowiak et al. (2022) sobre a percepção de parceiros quanto ao *phubbing* ao longo do dia, os resultados apontaram maior satisfação com o relacionamento nos dias com menor *phubbing*, além da percepção de maior qualidade da relação. Cabe ressaltar que este estudo não explorou a satisfação nem a qualidade conjugais, embora seja possível inferir que essas dimensões sofram prejuízos diante da menção de insatisfação em relação ao *phubbing* por todos os participantes.

Comunicação

Este tema diz respeito ao modo como ocorre a comunicação no tocante ao uso do *smartphone*, aos acordos explícitos que potencialmente podem facilitar a relação conjugal. Sete participantes relataram que costumam conversar sobre as percepções que têm acerca do uso do *smartphone* e tentam estabelecer acordos quanto à forma de uso, como mencionou o caso 2:

Às vezes acontece de a gente pontuar um pro outro de que estamos usando demais. Tanto já aconteceu de eu fazer essa observação pra ele, quanto de vez em quando ele faz pra mim também.

O caso 3 disse, ainda, que, embora nem sempre surta efeitos, que considerava importante conversar:

O tempo no celular é excessivo, a gente pontua isso um pro outro. Não vejo tanta melhora, mas a gente pontua.

Outro participante, o caso 4, mencionou que as conversas foram muito importantes para chegarem a um entendimento comum quanto o uso do *smartphone* atualmente:

Eu acho que a gente concordou com muitas coisas e conversou muito no início sobre essa questão de uso do celular, e conversa até hoje. E acho mais saudável mesmo é a questão de a gente poder estabelecer alguns acordos entre o casal, porque a gente pode conversar sobre isso abertamente, e aceitar o uso um do outro, e aceitar essas questões também de saber que a gente tá junto como casal e não como casal com celular.

O caso 5 também citou a importância de se estabelecer momentos em que se não deve utilizar o *smartphone* e com isso sente que os dois aproveitam melhor a companhia um do outro:

Aí a gente combinou, no lugar que a gente parou pra almoçar, eu guardei o meu celular e o dela e aí a gente teve um dia bacana, legal, foi muito melhor a gente poder conversar mais, se olhar mais, perceber mais coisas, aspectos, diálogos melhores sem o uso do celular.

Esses achados evidenciaram o quanto uma boa comunicação tem papel importante para a adaptação (flexibilidade) dos casais diante do contexto de uso do *smartphone* (Hoffmeister & Scheeren, 2019) e promove melhor qualidade das interações face a face, como conversar mais e dar mais atenção para o parceiro (Frackowiak et al., 2022). Segundo Olson et al. (2019), a comunicação eficaz ajuda os casais a terem melhores níveis de flexibilidade, definida pela quantidade de mudanças nas funções e regras do relacionamento. Neste estudo foi possível observar que os casais veem a comunicação como um aspecto importante da relação conjugal, com resultados em sua maioria positivos quanto às negociações feitas.

A respeito dos aspectos benéficos que o *smartphone* tem para o casal, todos os participantes relataram que o uso dessa tecnologia auxilia muito na comunicação sobre demandas do cotidiano, mas que não é utilizado para a resolução de conflitos ou questões mais íntimas e profundas, que são priorizadas na interação face a face, como afirmou o caso 2:

A gente se ajuda muito pra resolver as coisas do dia a dia pelo WhatsApp, mas pra discutir coisas sérias, não, não tenho saco, tem que ser pessoalmente.

Esses dados também foram encontrados no estudo de Hoffmeister e Scheeren (2019) sobre a influência das mídias digitais na comunicação dos casais.

Compartilhamento de senhas

Este tema refere-se aos trechos que mencionam o modo como os participantes se comunicam em relação ao compartilhamento de senhas dos seus *smartphones*. Oito participantes contaram que compartilham senhas com seus parceiros e que o modo como o compartilhamento aconteceu se deu implicitamente, foi “*natural*”, sem necessidade de conversar, sem impasses ou discordâncias, como diz o caso 2:

Foi natural e bem compreendido um pelo outro, não houve conversa. Já aconteceram alguns momentos onde eu estava ocupada, ou ele também, e a gente precisou acessar rápido o celular um do outro, então a gente sabia da senha.

Outros participantes relataram, ainda, que o momento de compartilhamento das senhas se deu por alguma necessidade do cotidiano, como quando alguém da relação precisou fazer uma busca sobre algum assunto e o *smartphone* estava distante, como o caso 7:

Foi meio que ‘ah, vê tal coisa no meu celular’, ‘ah, destrava ele aqui’, sabe? ‘ah, a senha é essa’, ‘vê aí pra mim’, não teve motivo pra conversar, foi meio no dia a dia.

Muito embora em um primeiro momento se possa refletir sobre a questão dos limites na relação conjugal, sobre a privacidade e individualidade dos membros do casal, os dados mostram que os acordos implícitos funcionaram bem para esses participantes e seus parceiros, uma vez que eles disseram ser “*natural*” compartilhar as senhas, sem conflitos maiores. Esses dados são confirmados por Pickens e Whiting (2019), ao revelarem que a maioria dos casais não tem limites ou regras explícitas sobre o uso de tecnologia em seu relacionamento, adotando regras implícitas e tendo dificuldades quanto às negociações, embora as dificuldades no que dizem respeito à negociação para o compartilhamento de senhas não tenham aparecido neste estudo.

Outro indicativo que pode nessa forma de comunicação implícita ser considerado eficaz para os participantes deste estudo é a coesão, descrita por Olson et al. (2019) como o vínculo emocional que os membros do casal têm um com o outro. Embora se pudesse supor que os participantes deste estudo sejam membros de casais com nível muito alto de coesão (emaranhados) e possam não ter preservada sua individualidade, neste estudo o que se evidenciou foi que o compartilhamento das senhas não foi dado pela curiosidade de vigiar o uso do *smartphone* pelo parceiro, mas por necessidades cotidianas.

Definição de infidelidade

Este tema diz respeito aos trechos que mencionam a comunicação acerca das situações de infidelidade envolvendo o uso do *smartphone*, sobre como os participantes construíram definições do que é infidelidade conforme as vivências com o uso do *smartphone*. Quatro participantes contaram que passaram por situações de infidelidade conjugal no âmbito digital e que precisaram conversar com seus parceiros para compreender que os contatos na ambiência digital também são considerados infidelidade para eles, como o caso 7:

Eu já tive conversas, momentos de infidelidade via celular, de conversar com outras pessoas e aí ela descobrir. Eu fazia isso porque, como não era presencial, eu ainda não enxergava isso como traição, né? Então foi vacilo, mas aconteceu essa conversa de deixar isso claro.

Entre os comportamentos tidos como infidelidade pelos participantes, foram mencionados: trair a confiança ao trocar mensagens e apagar ou esconder mensagens de alguém específico, conforme relatado pelo caso 5:

Não é fácil você saber que seu cônjuge tem mensagens escondidas no celular ou apagadas, então a traição começa aí. Se eu apaguei, é porque tem algo ali que eu não quero que minha esposa veja. Não traiu relacionado ao sexual, toque e tal, mas você traiu a confiança, né?.

Os dados deste estudo corroboram os achados de Kaya e Şakiroğlu (2023) e Scheeren et al. (2018) a respeito de homens e mulheres relatarem que seu comportamento de infidelidade mais comum é esconder dos parceiros as mensagens trocadas por outras pessoas. Esses dados também são reforçados pelo estudo de Lima e Bruns (2020), uma revisão integrativa sobre a denominada infidelidade virtual, compreendida como um fenômeno capaz de trazer implicações significativas nos relacionamentos amorosos, potencializando as compreensões de infidelidade, que no cenário contemporâneo vão além da questão do contato físico. Ser infiel virtualmente, de acordo com as investigações analisadas, é praticar qualquer ato que rompa o contrato estabelecido entre os pares.

Diante das situações de infidelidade vividas, foi mencionada ainda a necessidade de se refazer os acordos quanto ao que é considerado permitido ou não na relação conjugal, como disse o caso 5:

Teve que refazer, teve que conversar. Houve vários diálogos, várias lágrimas, remoer de conversas, voltar ao mesmo assunto, porque, quando é quebrada a confiança, a pessoa que foi traída, né... Perde a confiança.

Esses dados são corroborados por Hertlein et al. (2022), em um estudo qualitativo realizado com 11 pessoas que passaram por infidelidade no âmbito digital, e os participantes relataram que foi necessário conversar com os parceiros com o intuito de estabelecerem novas regras sobre a definição operacional de infidelidade, de modo a terem maior compromisso na relação.

Triangulação

Este tema trata da maneira de reportar-se ao *smartphone* como se ele fosse um terceiro elemento inserido na relação para auxiliar o casal diante de alguma situação desafiadora ou estressora. Quatro participantes mencionaram o *smartphone* como um terceiro elemento, como aparece no relato do caso 5:

Tenho o celular como um companheiro.

Outros participantes reportaram que o uso do celular auxilia o casal a lidar com situações conflituosas ou estressoras, sendo uma forma de fuga de algo da relação ou esquiva de conversas difíceis, como é possível observar na fala do caso 2:

Eu acho que às vezes o celular pode ser uma ferramenta de fuga pra gente tá lidando com a gente mesmo, né. Já aconteceu, por exemplo, de a gente ter discussões e ele, em vez de conversar naquele momento, utilizar o celular pra se distrair. Em vez de criar um assunto no restaurante e trazer um tema, a gente acaba indo pro mais fácil.

Outra fala significativa, do caso 4, mencionou o *smartphone* como uma válvula de escape em situações conflituosas, como é possível observar:

Quando tem aquelas briguinhas, aí o celular é o desconto pra não ficar brigando. É o escape. A gente não gosta de brigar, então a gente conversa muito pra não ficar falando coisas que depois talvez a gente vá se arrepender, então a gente utiliza um pouco o celular pra dar uma respirada; depois conversa, mas esse é o escapezinho (caso 4),

Esses dados corroboram os achados do estudo de Amaliyah e Agustina (2023) sobre a tecnointerferência nos relacionamentos românticos e familiares, em que a tecnologia, como *smartphones*, *tablets* e computadores, é reportada como se fosse uma “terceira pessoa” na relação, o que implica dizer que tecnologia ocupa parte tão significativa do tempo e da atenção das pessoas que sua influência sobre as relações pode ser similar à de outro indivíduo.

Alguns participantes também mencionaram outros aspectos da relação conjugal que ficam encobertos pelo uso do *smartphone*, tais como as mudanças na dinâmica conjugal com o passar do tempo, como afirma o caso 3:

Eu acho que no início talvez eu me preocupasse muito mais em estar disponível para o meu marido, em tá presente, né, e agora eu me preocupo menos, então dedico mais tempo ao celular.

O caso 2 citou, ainda, a mudança na relação conjugal que ocorreu com o nascimento do filho:

Eu acho que na nossa relação, com a chegada do nosso filho, nós nos distanciamos muito como casal, então eu acho que a gente usa o celular muito como subterfúgio pra justificar esse afastamento. Não é que ele promova, mas ele ajuda a manter esse afastamento de alguma forma.

Esses relatos evidenciam o fenômeno da triangulação acontecendo, na medida em que os casais colocam o *smartphone* como um terceiro elemento na relação, de modo a se evitar o contato com outras dimensões da conjugalidade que demandam

atenção, como a qualidade conjugal, a comunicação e a satisfação conjugal. Para Bowen (*apud* Nichols & Schwartz, 2007), a presença de triangulação ocorre quando as pessoas sentem necessidade maior de proximidade emocional ou, em relação à pressão dos outros, maior necessidade de distância, o que nos dias atuais facilmente pode ter seu papel realizado não por uma terceira pessoa, mas pelo *smartphone*.

Corroborando essa compreensão de Bowen, Priest (2021) afirma que o triângulo pode ser criado como uma forma de adaptação ao estresse familiar interno ou externo e nem sempre é mal adaptativo, embora muitas pesquisas se concentrem nos aspectos negativos dele. Neste estudo, é possível inferir que o *smartphone* aparece como um elemento de triangulação relevante no processo de adaptação dos participantes ao contexto digital, embora alguns elementos, como a fuga de lidar com o distanciamento já presente na relação, pareçam indicar uma má adaptação na relação conjugal. Quanto mais as pessoas forem impulsionadas pela ansiedade, menos tolerantes elas serão umas com as outras e mais serão polarizadas pelas diferenças (Nichols & Schwartz, 2007), conectando-se mais ao *smartphone* e menos uma com a outra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca por compreender as reverberações do uso do *smartphone* na relação conjugal, encontrou-se neste estudo que o uso dessa tecnologia traz uma diversidade de desafios para os casais, especialmente quanto ao tempo excessivo de uso, à percepção de *partner phubbing* e à infidelidade. Outro aspecto relevante é que o *smartphone* aparece como elemento de triangulação diante de situações estressoras para o casal, indicando uma forma de adaptação (ou flexibilidade) perante as mudanças do contexto digital. Não se observaram diferenças discrepantes quanto aos resultados de homens e mulheres, tampouco quanto a variáveis como idade, raça, tempo de relacionamento e presença ou não de filhos.

Quanto às limitações deste estudo, cabe ressaltar que alguns dados investigados, como a troca de mensagens íntimas via *smartphone* e os aspectos de vigilância e monitoramento, não apareceram nessa amostra estudada, o que pode indicar uma desejabilidade social, dada a natureza íntima desse conteúdo, ou, ainda, um viés, pelo fato de os parceiros estarem presentes na mesma residência no momento da entrevista. Sugere-se, ainda, que futuros estudos explorem melhor a dimensão da privacidade na relação conjugal, de modo a se obter mais dados sobre como se dá o compartilhamento de senhas. Outra sugestão é que outras pesquisas incluam o mapeamento de dimensões como a qualidade e a satisfação conjugais ao abordarem o uso do *smartphone* por casais.

Outra limitação deste estudo se refere aos arranjos conjugais contemporâneos, já que esta pesquisa não explorou se as relações eram monogâmicas ou não, tampouco incluiu na amostra a população LGBTQIAPN+, o que pode ser abordado em futuras investigações. Este estudo trouxe potenciais contribuições para o campo das pesquisas sobre casais e o uso do *smartphone* nos âmbitos nacional e internacional e pode contribuir tanto para futuras investigações sobre essa temática quanto para o campo da psicoterapia, seja individual, seja de casais, uma vez que traz elementos significativos para a abordagem de diversas dimensões da conjugalidade, como a comunicação, a flexibilidade e a coesão em relação ao contexto de uso das TICs.

CONFLITO DE INTERESSE

Nada a declarar.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Conceituação: Santos RB; **Análise Formal:** Santos RB; **Investigação:** Santos RB; **Metodologia:** Santos RB; **Administração do Projeto:** Frizzo GB; **Software:** Frizzo GB, Santos RB; **Supervisão:** Frizzo GB; **Escrita – Primeira Redação:** Santos RB, Frizzo GB, Faro KCA; **Escrita – Revisão e Edição:** Santos RB, Frizzo GB, Faro KCA.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os dados estarão disponíveis mediante solicitação.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Sofia Sebben Colognese e Patrícia Santos da Silva pela colaboração na análise inicial dos dados.

REFERÊNCIAS

- Amaliyah, S., & Agustina, M. T. (2023). Technoference: Technology as 'third person' in romantic and family relationships. *Journal of Psychology and Instruction*, 7(2), 54-60. <https://doi.org/10.23887/jpai.v7i2.61169>
- Becker, B., & Ribeiro, J. C. (2016). Adolescentes, dispositivos comunicacionais móveis e novas práticas comportamentais: O fenômeno do *sexting*. In M. Favero, G. R. Pereira, V. M. Santos, D. Freitas, & G. D. Carvalho (Eds.), *Sexualidades, gêneros e cidadania em espaços educativos* (pp. 9-24). Udesc.
- Beukeboom, C. J., & Pollmann, M. (2021). Partner phubbing: Why using your phone during interactions with your partner can be detrimental for your relationship. *Computers in Human Behavior*, 124, 106932. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2021.106932>
- Booth, M. A., Coyne, S. M., Yorgason, J. B., & Dew, J. P. (2021). Domestic bliss, or technological diss? Problematic media use, partner responsiveness, and relationship outcomes. *Journal of Social and Personal Relationships*, 38(12), 1-23. <https://doi.org/10.1177/02654075211031000>
- Brasil (2016). Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. *Diário Oficial da União*. Recuperado de <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>
- Braun, V., Clarke, V., Hayfield, N., & Terry, G. (2019). Thematic analysis. In P. Liamputtong, (Ed.), *Handbook of Research Methods in Health Social Sciences* (pp. 843-860). Springer. https://doi.org/10.1007/978-981-10-5251-4_103
- Coyne, S. M., Stockdale, L., Busby, D., Iverson, B., & Grant, D. M. (2011). "I luv u!")": A descriptive study of the media use of individuals in romantic relationships. *Family Relations: An Interdisciplinary Journal of Applied Family Studies*, 60(2), 150-162. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2010.00639.x>
- Creswell, J. W. (2014). *Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (4a ed.). SAGE Publications.
- Delatorre, M. Z., Maesima, G. M., Coelho, L. R. M., & Wagner, A. (2022). O ciclo de vida de casais brasileiros: Uma revisão integrativa. *Psicologia Clínica*, 34(1), 191-204. <https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0034n01A03>
- Eichenberg, C., Huss, J., & Küsel, C. (2017). From online dating to online divorce: On overview of couple and family relationships shaped through digital media. *Contemporary Family Therapy*, 39, 249-260. <https://doi.org/10.1007/s10591-017-9434-x>
- Farias, H. S. (2020). O avanço da Covid-19 e o isolamento social como estratégia para redução da vulnerabilidade. *Espaço e Economia*, 9(17). <https://doi.org/10.4000/espacoeconomia.11357>
- Farrah, U. M., & Batool, S. (2020). Understanding the effects of smart phones on marital relations of working couples. *International Review of Social Sciences*, 8(12), 352-359. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/351437066_Farrah_Batool_2020_352_I_wwwirssacademyirimb
- Féres-Carneiro, T., & Ziviani, C. (2009). Conjugalidades contemporâneas: Um estudo sobre os múltiplos arranjos amorosos da atualidade. In T. Féres-Carneiro (Ed.), *Casal e família: Permanências e rupturas* (pp. 83-107). Casa do Psicólogo.
- Frackowiak, M., Hilpert, P., & Russell, P. S. (2022). Partner's perception of phubbing is more relevant than the behavior itself: A daily diary study. *Computers in Human Behavior*, 134, 107323. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2022.107323>
- González-Rivera, J. A., Gato, I. H., Núñez, R. M., López, J. M., Tirado, M. G., & Rivera, S. G. (2018). Interferencia de la tecnología en las relaciones de pareja y su impacto en la salud mental de la mujer puertorriqueña. *Revista Puertorriqueña de Psicología*, 29(1), 56-71. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6496521>
- Hertlein, K. M., Chang, J., VanYperen, A., Fatkin, K., & Nakamura, S. (2022). Experiences after infidelity via internet communication: Surveillance, ambivalence, and termination. *Sexual and Relationship Therapy*, 37(4), 537-556. <https://doi.org/10.1080/14681994.2021.1907568>

- Hoffmeister, C. M. S., & Scheeren, P. (2019). A influência das mídias digitais na comunicação do casal. *Revista Brasileira de Terapia Familiar*, 8(1), 8-22. <https://doi.org/10.60114/rbtf.v8i1.42>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2023). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2022*. IBGE. Recuperado de https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102040_informativo.pdf
- Johnson, D. J., Pickens, J. C., Holyoak, D., & Denzer-King, A. (2024). Strengthening couple relationships through a digital connection. *Journal of Marital and Family Therapy*, 50(3), 687-705. <https://doi.org/10.1111/jmft.12710>
- Kaya, M. M., & Şakiroğlu, M. (2023). Factors affecting online infidelity: A review. *Psikiyatride Güncel Yaklaşımlar - Current Approaches in Psychiatry*, 15(1), 29-37. <https://doi.org/10.18863/pgy.1070731>
- Lapierre, M. A., & Zhao, P. (2024). Problematic smartphone use versus “technoference”: Examining their unique predictive power on relational and life satisfaction. *Psychology of Popular Media*, 13(1), 23-33. <https://doi.org/10.1037/ppm0000438>
- Ledur, B., Schmitt, M., & Andretta, I. (2023). Mundo on-line: Interações entre dependência de internet, sentimentos de solidão e relações familiares. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 16(1), e18864. <https://doi.org/10.36298/gerais202316e18864>
- Leggett, C., & Rossouw, P. J. (2014). The impact of technology use on couple relationships: A neuropsychological perspective. *International Journal of Neuropsychotherapy*, 2(1), 44-99. <https://doi.org/10.127441/ijnpt.2014.0044-0099>
- Lima, R. D., & Bruns, M. A. T. (2020). Infidelidade virtual: Revisão integrativa da literatura científica. *Pensando Famílias*, 24(2), 106-119. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000200009&lng=pt&tlng=pt
- McDaniel, B. T. (2015). “Technoference”: Everyday intrusions and interruptions of technology in couple and family relationships. In C. J. Bruess (Ed.), *Family communication in the age of digital and social media*. Peter Lang Publishing. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/280732890_Technoference_Everyday_Intrusions_and_Interruptions_of_Technology_in_Couple_and_Family_Relationships
- McDaniel, B. T., & Coyne, S. M. (2016). “Technoference”: The interference of technology in couple relationships and implications for women’s personal and relational well-being. *Psychology of Popular Media Culture*, 5(1), 85-98. <https://doi.org/10.1037/ppm0000065>
- McDaniel, B. T., & Drouin, M. (2019). Daily technology interruptions and emotional and relational wellbeing. *Computers in Human Behavior*, 99, 1-8. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.04.027>
- McDaniel, B. T., Galovan, A. M., & Drouin, M. (2020). Daily technoference, technology use during couple leisure time, and relationship quality. *Media Psychology*, 24(5), 637-665. <https://doi.org/10.1080/15213269.2020.1783561>
- Moller, N. P., & Vossler, A. (2015). Defining infidelity in research and couple counseling: A qualitative study. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 41(5), 487-497. <https://doi.org/10.1080/0092623X.2014.931314>
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia familiar: Conceitos e métodos* (7a ed.). Artmed.
- Olson, D. H., Waldvogel, L., & Schlieff, M. (2019). Circumplex model of marital and family systems: An update. *Journal of Family Theory & Review*, 11(2), 199-211. <https://doi.org/10.1111/jftr.12331>
- Organização Mundial da Saúde (2021). *Panorama Global do Coronavírus*. Organização Mundial da Saúde.
- Patton, M. Q. (2015). *Qualitative research and evaluation methods* (4a ed.). SAGE Publications.
- Pereira, I. S., & Censi, C. (2023). O papel do *smartphone* no desenvolvimento do ciclo vital conjugal. *PSI Unisc*, 7(2), 193-211. <https://doi.org/10.17058/psiunisc.v7i2.18396>
- Pickens, J. C., & Whiting, J. B. (2019). Tech Talk: Analyzing the negotiations and rules around technology use in intimate relationships. *Contemporary Family Therapy*, 42(2), 175-189. <https://doi.org/10.1007/s10591-019-09522-9>

- Pombo, M. F. (2019). Família, filiação, parentalidade: Novos arranjos, novas questões. *Psicologia USP*, 30, 1-10. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e180204>
- Porreca, W. (2019). Relação conjugal: Desafios e possibilidades do “nós”. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35(es.p), 1-12. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe7>
- Priest, J. B. (2021). *The science of family systems theory*. Routledge.
- QSR International Pty (2020). *NVivo Qualitative Data Analysis Software (Version 13) [software]*. QSR International Pty.
- Ribeiro, J. C., Nejm, R., Barberino, L. A., & Borges, L. (2019). Conexão constante, privacidade e ambivalências nas dinâmicas interacionais mediadas por *smartphones*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 119, 75-98. <https://doi.org/10.4000/rccs.9090>
- Roberts, J. A., & David, M. E. (2016). My life has become a major distraction from my cell phone: Partner phubbing and relationship satisfaction among romantic partners. *Computers in Human Behavior*, 54, 134-141. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.07.058>
- Roberts, J. A., & David, M. E. (2023). Partner phubbing and relationship satisfaction among high and low reward romantic partner: An expectancy violations theory perspective. *International Journal of Human-Computer Interaction*, 40(18), 5493-5502. <https://doi.org/10.1080/10447318.2023.2238341>
- Santos, R. B. (2024). *Reverberações do uso do celular na conjugalidade* (Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul).
- Scheeren, P., Apellániz, I. A. M., & Wagner, A. (2018). Infidelidade conjugal: A experiência de homens e mulheres. *Temas em Psicologia*, 26(1), 355-369. <https://doi.org/10.9788/TP2018.1-14Pt>
- Stake, R. E. (2006). *Multiple case study analysis*. The Guilford Press.
- Turato, E. R. (2013). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas* (6a ed.). Vozes.
- Vaterlaus, J. M., & Tulane, S. (2019). The perceived influence of interactive technology on marital relationships. *Contemporary Family Therapy*, 41, 247-257. <https://doi.org/10.1007/s10591-019-09494-w>
- Veloso, R. (2011). *Tecnologias da informação e comunicação: Desafios e perspectivas*. Saraiva.
- Vossler, A. (2016). Internet infidelity 10 years on: A critical review of the literature. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 24(4), 359-366. <https://doi.org/10.1177/1066480716663191>
- Wagner, A. (2012). Família@comunicacionvirtual.com. *Cuadernos de Terapia Familiar*, 80-81, 11-18.
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de caso: Planejamento e métodos* (2a ed.). Bookman.
- Zarhin, D. (2018). Conducting joint interviews with couples: Ethical and methodological challenges. *Qualitative Health Research*, 28(5), 844-854. <https://doi.org/10.1177/1049732317749196>